



**Trabalho 374**

**ATITUDES DE FAMILIARES DE PORTADORES DE TRANSTORNOS MENTAIS FRENTE AOS TRANSTORNOS MENTAIS: INFLUÊNCIA DE GRUPO AUTOAJUDA\***

Angelina Moda Machado Romano<sup>1</sup>; Luiz Jorge Pedrão<sup>2</sup>; Moacyr Lobo da Costa Junior<sup>3</sup>.

Até um passado recente, os portadores de transtornos mentais eram enclausurados, vigiados constantemente, e utilizados meios de persuasão e repressão para assegurar a ordem, particularmente no manicômio. No entanto, esse quadro mudou com o processo da Reforma Psiquiátrica, e o papel autoritário, principalmente delegados aos integrantes da equipe de enfermagem, de certa forma foi substituído por outro papel. Condutas autoritárias, restritivas e discriminadoras passam a ter a necessidade de serem trabalhadas, pois atitudes voltadas a esses aspectos são muito diferentes de atitudes firmes, objetivas e terapêuticas, apoiadas no saber<sup>(1)</sup>. A inclusão da família no tratamento à saúde mental começou a ser discutida no âmbito político e entre os profissionais de saúde da área a partir da década de 1960 em alguns países europeus, e em 1980 no Brasil<sup>(2)</sup>. O grupo de autoajuda procura auxiliar a pessoa a resolver seus problemas relacionados a eventos traumáticos decorrentes do acometimento de doenças de natureza aguda e, em especial, crônica; às incapacitações, a situações de causas existenciais e a traumas. Desta forma, as atividades oferecidas fora dos serviços de assistência psiquiátrica, por ONGs e Associações, se revelam de extrema importância, pois se constituem em verdadeiras modalidades terapêuticas com o compromisso de ocupar tanto as lacunas deixadas pelos referidos serviços, quanto oferecer oportunidades de ocupação aos portadores de transtornos mentais que não conseguem vínculos empregatícios ou ocupações em outros locais. Também acolhem os familiares de portadores desses transtornos, oferecendo a eles oportunidades de participação em diversas situações que proporcionam um conhecimento melhor dos transtornos em questão e formas adequadas de lidar com seus portadores. Neste contexto, os grupos de autoajuda, oferecidos por ONGs e Associações, se apresentam como uma modalidade terapêutica de grande valor<sup>(3)</sup>. O objetivo deste estudo foi estudar comparativamente as atitudes frente aos transtornos mentais de familiares de portadores de transtornos mentais que frequentam um grupo de autoajuda com as atitudes frente aos transtornos mentais de familiares de portadores de transtornos mentais que não frequentam grupos desta natureza. Participaram deste estudo 20 familiares de portadores de transtornos mentais, 10 familiares que frequentam o grupo de autoajuda e 10 familiares que nunca participaram de grupo desta natureza. Foi utilizado a escala de atitudes denominada "Opiniões Sobre os Transtornos Mentais" (OTM). A comparação das atitudes dos familiares frente aos transtornos mentais e seus portadores do Grupo 1 (familiares que participam de grupo de autoajuda) com o Grupo 2 (familiares que não participam de grupo de autoajuda) foi utilizado o teste não paramétrico Mann-Whitney U, observou-se que três fatores: Autoritarismo, Benevolência e Ideologia da Higiene Mental, mostraram diferenças estatisticamente significantes com  $\alpha$  menor que 10%. As atitudes dos familiares dos portadores de transtornos mentais frente aos transtornos mentais e seus portadores, no Grupo 1 observou-se que os fatores A (Autoritarismo), B (Benevolência) apresentaram os maiores escores médios, com escore Sten de 6,7; 6,5; respectivamente. Estes escores podem ser entendidos como elevados, partindo do princípio de que, estes familiares, participam de um grupo que troca experiências constantemente sobre o convívio com o seu parente portador de transtorno mental, poderia apresentar atitudes

<sup>1</sup>\* Trabalho extraído da Tese de Mestrado de Angelina Moda Machado Romano.

Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem Psiquiátrica - Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil. [angelina\\_moda@yahoo.com.br](mailto:angelina_moda@yahoo.com.br). Endereço: Avenida do Café, n.1715, apto 306, Centro. CEP: 14050-230. Ribeirão Preto, SP. Tel.: (16) 3602-3418.

<sup>2</sup> Enfermeiro. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

<sup>3</sup> Sanitarista. Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil.



## Trabalho 374

mais positivas nesses aspectos, embora possam ser considerados comportamentos extremamente difíceis de serem modificados apenas com participações em modalidades terapêuticas que trabalham em sentido mais geral e não com tanta proximidade e avaliações, mais possíveis em modalidades terapêuticas mais centradas. No Grupo 2 o fator A (Autoritarismo) também apresenta o maior escore médio com escore Sten de 8,3. Observando comparativamente os escores Sten entre os grupos, percebe-se que o Grupo 1 é menos autoritário e mais benevolente, apresentando significância estatística. Outro fator com resultados estatisticamente significativos favoráveis ao Grupo 1 foi o fator C, Ideologia de Higiene Mental. Neste fator, os escores mais elevados representam uma aderência maior a atitudes mais positivas frente aos transtornos mentais e seus portadores, diferente dos outros fatores. Assim sendo, os familiares que participam do grupo de autoajuda acreditam mais que seus parentes portadores de transtornos mentais se assemelham às pessoas normais e podem desempenhar atividades especializadas, e, isto, pode ser atribuído à participação no grupo de autoajuda, onde as trocas de experiências são realizadas e os familiares recebem, a todo o momento, retornos das evoluções dos diversos parentes dos familiares participantes relativos aos seus envolvimento com atividades produtivas, algumas, inclusive, remuneradas. O último fator da OTM, fator G, avalia a Visão Minoritária, apresentando, no Grupo 1, escore Sten de 5,6 e, no Grupo 2, escore Sten de 6,5; sem significância estatística porém de grande importância para o estudo, descreve a visão de que o portador de transtorno mental pode ser facilmente detectado num agrupamento humano, por ser muito diferente, particularmente na sua aparência externa <sup>(4)</sup>. É de entendimento que uma forte aderência a este fator pode ser traduzido em uma ligação ao estigma sobre o transtorno mental. Assim, o Grupo 2 apresenta-se como mais aderente a essa idéia tornando mais forte o referido estigma. O Grupo 1 tem uma postura mais adequada neste sentido, provavelmente favorecido pelas trocas de experiências proporcionadas pelo grupo de autoajuda, que com o tempo de participação ele fica também mais familiarizado com os transtornos mentais e seus portadores, tornando, assim, mais fácil de aceitá-los. De um modo geral, pode-se inferir que o grupo de autoajuda interfere positivamente nas atitudes de familiares de portadores de transtornos mentais frente a esses transtornos e seus portadores em diversos aspectos, que certamente levam a uma compreensão e aceitação melhor de seu parente com diagnóstico de transtorno mental, mas é importante considerar que esta influência é relativa, pois este familiar, ainda persiste com um pensamento tradicional e conservador que levam, ainda, a atitudes de certa forma negativas, sendo traduzidas em atitudes autoritárias, caritativas, restritivas e discriminadoras, como apontou a OTM. Finalmente, conclui-se que o grupo de autoajuda tem influência positiva nas atitudes de familiares de portadores de transtornos mentais frente aos transtornos mentais e seus parentes portadores desses transtornos, mas essa influência é relativa, pois eles ainda mantêm atitudes autoritárias, caritativas, restritivas e discriminativas. O grupo de autoajuda mostrou-se extremamente importante e uma expressiva ferramenta de apoio, pois os escores da OTM obtidos de familiares que participam deste grupo estiveram mais adequados, com diferenças estatísticas significativas em 2 fatores e diferenças importantes em outros fatores, quando comparados com os escores de familiares que não participam de grupos de autoajuda, mas, considera-se que, para uma real mudança de atitudes nos aspectos considerados, são necessárias modalidades terapêuticas mais específicas e que utilizam intervenções mais focadas, coordenadas ou dirigidas por profissionais especializados.

**REFERÊNCIAS:** 1- Pedrão LJ, Avancini RC, Malaguti SE, Aguilera AMS. Atitudes frente á doença mental: estudo comparativo entre ingressantes e formandos em enfermagem. Medicina, Ribeirão Preto. 2003Jan-Mar;36:37-4. 2- Amarante P. (coord). Psiquiatria social e reforma psiquiátrica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. 3- Colvero LA, Ide CAC, Rolim MA. Família e doença mental: a difícil convivência com a diferença. Rev Esc Enferm USP. 2004;38(2):197-205. 4- Abreu ACSS. A atitude dos enfermeiros perante a pessoa com doença mental. Dissertação [Mestrado]. Universidade Católica Portuguesa. Braga. Portugal. 2010.

**DESCRITORES:** Atitudes, Família, Transtornos Mentais, Grupo de autoajuda

**EIXO II - Interfaces da Enfermagem com práticas profissionais e populares de cuidado em saúde.**